



O CARMA DAS CASTAS

A PIRÂMIDE CASTEÍSTA

Durante uma viagem de trem entre Délhi, a capital indiana, e Amritsar, cidade no estado do Punjab, eu dividi o *coupé* de quatro camas com uma simpática família de agricultores. Curiosos como em geral são os indianos, eles começaram a conversar comigo, através do filho adolescente, o único que falava alguma coisa em inglês. “Qual o seu nome?”, “De que país você vem?”, “Você é casada?”. Parecia um interrogatório. Em seguida, a avó do menino perguntou: “Qual é a sua casta?”. Eu expliquei que eu não tinha casta. Foi um choque. “Como isso é possível? Todo mundo tem uma casta”, disse a mulher. Na Índia, você pode mudar o seu nome, a sua religião e a sua nacionalidade. Mas não a sua casta. É algo que nasce com você e o segue até a sua morte. Não há escapatória.

A pirâmide da complexa hierarquia casteísta figura em textos milenares e segue uma receita básica: os homens não são iguais. Existe uma rígida escala determinada pelo nascimento da pessoa, e nada vai mudar isso, independentemente do seu sucesso social ou econômico na vida. Por tradição, as castas eram formadas por pessoas que, hereditariamente executavam o mesmo trabalho de seus antepassados, passando de pai para filho, e mantinham a identidade através do casamento dentro da mesma casta.

Os indianos passaram a usar a palavra *casta* (traduzido para o inglês como *caste*) por influência dos portugueses, que chegaram à Índia a partir do século xv. A tradicional pirâmide social hindu tem os brâmanes (religiosos e mestres) no topo, seguidos pelos xátrias (guerreiros, governantes e reis) e pelos vaixás (comerciantes). Essas são as três varnas (do sânscrito, “cor”) da elite, que eram as categorias sociais que se ramificaram em milhares de castas, chamadas de *jati* em sânscrito. Em quarto lugar estão os shudras (trabalhadores braçais), as chamadas castas baixas. Pela tradição, eles teriam a obrigação de servir aos que estavam acima deles. Abaixo de todos estavam os “intocáveis”, como eram chamados até 60 anos atrás: eles eram tão desprezados que não constavam do

sistema de casta. Eram os marginalizados, chamados hoje de dalits (oprimidos), termo politicamente correto popularizado por escritores na década de 1970 para ressaltar a opressão histórica a que eram (e são) submetidos. O termo acabou substituindo a expressão *harijan* (filhos de Deus), criada por Mahatma Gandhi, rejeitada pelos dalits, que o consideravam paternalista. Os antigos textos hindus sustentavam o mito de que essas quatro castas teriam surgido de várias partes do deus Brahma, o criador do mundo. De sua cabeça, teriam saído os brâmanes. De seus braços, os xátrias. De suas coxas nasceram os vaixás. E de seus pés surgiram os shudras.

Mas a divisão da sociedade em quatro grupos já não é mais capaz de explicar a complexidade da Índia moderna. Como classificar, por exemplo, os profissionais da indústria de tecnologia da informação, um físico nuclear ou um engenheiro? Novas castas e subcastas surgem e outras desaparecem com o tempo. Hoje, as pessoas não necessariamente praticam mais as funções tradicionais. Há brâmanes faxineiros e dalits professores universitários ou empresários. Mas a herança casteísta ainda é clara: a maioria dos dalits é pobre, e o grosso da elite indiana é composto pelas castas altas.

Uma curiosidade que revela a profundidade do papel das castas na sociedade é que a maioria dos mais poderosos empresários indianos pertence a comunidades de mercadores. Apesar de os brâmanes estarem no topo da pirâmide casteísta, eles não dominam o clube dos gurus capitalistas. Entre os dez maiores bilionários indianos, oito são da comunidade dos bânias, subcasta dos vaixás. Nas camadas logo abaixo da dos bilionários – a dos milionários e ricos – o leque casteísta se ampliou nos últimos trinta anos, com mais empresários vindos das cada vez mais poderosas castas camponesas que ascenderam e migraram para a atividade industrial. Mas na corrida pelo ouro do século XXI, os brâmanes acharam o seu nicho: eles estão bem representados nas empresas que lidam com conhecimento, como as de tecnologia da informação.

A origem exata do sistema de castas continua um enigma. Teria surgido durante o período Védico, entre os anos 1500 a.C. e 600 a.C., quando foram produzidos os Vedas, textos religiosos, assunto do capítulo “Mitologia *versus* História”. A codificação de castas começou realmente depois do chamado Manusriti (por volta do século IV d.C.), uma espécie de código de conduta. Nele havia conceitos sobre comida pura e impura, ritos de casamento e punições para quem desafiasse o que estava escrito. Os textos prescreviam diferentes punições para um mesmo crime, dependendo da casta de cada um. Um shudra que insultasse um brâmane poderia ser condenado à morte. Mas um brâmane que assassinasse um shudra era punido com uma multa equivalente a de ter matado um cachorro ou um gato.

A dominação brâmane teve altos e baixos. Sempre houve disputa de supremacia entre a orgulhosa elite religiosa brâmane e a poderosa nata dos militares e governantes



Mulher brâmane de Jodhpur, a “Cidade Azul” do Rajastão, apelidada assim pelas cores das casas dos brâmanes.

xátrias. No século VI a.C., dois príncipes xátrias criaram o jainismo e o budismo como contraposição ao sistema de castas pregado pelo bramanismo, como eram chamados os vários cultos hindus naquela época, assunto do capítulo “Caldeirão dos deuses”. O príncipe Siddharta Gautama – o Buda – nunca aceitou o casteísmo pregado pelos sacerdotes brâmanes. Mas vários movimentos reformistas dentro do hinduísmo durante a história pregavam a igualdade entre as pessoas. O movimento Bhakti, por exemplo, na Idade Média, se rebelou contra as distinções de casta e descartou rituais bramânicos.

A Constituição da Índia independente defendia princípios democráticos e seculares e tornou ilegal a discriminação baseada nas castas. Mas o sistema sobreviveu e acabou contribuindo para a construção de uma psique coletiva que enfatiza a lealdade dentro

de subgrupos e a obsessão por hierarquias e *rankings*. Na esfera estritamente pessoal, o preconceito resiste mesmo entre a classe média urbana, principalmente na hora de casar. Mas as amizades são cada vez menos definidas por castas.

DALITS PODEROSOS

N. K. Chandan é um orgulhoso dono de uma fábrica de computadores e de uma imobiliária. No meio de infinitos campos verdes que se espalham por quilômetros nos subúrbios de Ghaziabad, a uma hora de carro da capital indiana, Chandan construiu um escritório moderno, com potentes aparelhos de ar-condicionado, mesas de vidros e confortáveis sofás de couro. Mesmo em um dia ensolarado e quente, Chandan veste terno e gravata e exibe lustrosos sapatos pretos de bico fino. Do lado de fora, seu atento motorista, sempre de olho no patrão, o espera dentro de um Pajero branco. Rodeado de quatro de seus empregados, todos brâmanes, à primeira vista, ele parece mais um empresário indiano que conseguiu navegar no sucesso econômico do país nos últimos anos. Chandan, no entanto, é um dalit. Ele faz parte de uma nata felizarda chamada pelos indianos de *dalits crorepatis* (dalits milionários). Recentemente, esses endinheirados e a classe média dalit começaram a despontar na mídia como exemplos de ascensão na Nova Índia.

“Para nós é uma questão de honra dar emprego para castas altas porque tradicionalmente nós somos os empregados e muitos deles pensam que nós, dalits, somos incompetentes para sermos empregadores”, diz Chandan, que vive com a mulher e dois filhos em uma imensa casa em um bairro de classe média alta em Délhi. Na parede do escritório, fotos emolduradas de Bhim Rao Ambedkar, o “pai dos dalits”, uma das figuras mais brilhantes da história da Índia, advogado e intelectual que foi ministro nos primeiros anos da independência e liderou os trabalhos da Constituição indiana. “Mais do que tudo, Ambedkar nos deu dignidade e razão para lutar pela igualdade, e é isso que estamos fazendo”, diz. Chandan, 42 anos, filho de um pequeno funcionário público, lembra que ele e seus três irmãos nunca tinham comida suficiente e na escola aturavam humilhações de professores e colegas. A duras penas, ele conseguiu estudar Engenharia Elétrica em uma faculdade na capital indiana. “A atmosfera em Délhi era bem melhor do que no interior, mas mesmo assim eu sempre era lembrado da minha casta. Alguns dos meus colegas gozavam da minha cara dizendo que eu não precisava me preocupar com emprego depois da faculdade porque o governo me daria um de qualquer forma”, conta, referindo-se às cotas no serviço público criadas na década de 1950. Ele decidiu provar que não precisava desses benefícios e se aventurou na iniciativa

privada. “Ser um dalit e começar um negócio não é fácil na Índia porque você tem dificuldades de conseguir empréstimos de bancos. No momento em que você dá o seu sobrenome, as portas podem se fechar”, contou. Ele começou a comprar computadores velhos e rejeitados na Europa. Sua equipe conserta cada um deles ao custo de US\$ 100 cada e os revende. Por causa da explosão dos cybercafés na Índia, com tanta gente sem computador em casa, seu negócio floresceu e hoje ele emprega 50 pessoas. Agora que os negócios começaram a prosperar, ele começou a investir em terras e imóveis.

Muitos empresários dalits escondem a sua identidade de casta para evitar o estigma social e a perda dos negócios. O engenheiro Arun Khobragade é diretor-gerente da RAS Frozen Food, uma empresa que vende vegetais, frutas congeladas, polpa de manga e de tomate, e tem um movimento anual de US\$ 600 mil. “Eu não identifico a minha casta quando faço negócios por causa do forte preconceito que ainda existe com relação a dividir refeições com dalits. A minha empresa vende comida. Tenho certeza de que se eu me identificar vou perder clientes. Isso aconteceu com muitos amigos meus”, diz Khobragade, em uma conversa durante um jantar de empresários dalits no apartamento de um deles em Délhi.

Milind Kamble, presidente nacional da Câmara de Comércio e Indústria Dalit, lançada em dezembro de 2011 em Mumbai e que reúne mil empresários, explica que resolveu lançar a entidade justamente por isso. A ideia é ajudar os dalits que enfrentam problemas específicos como empreendedores. “Nós enfrentamos muito preconceito e falta de confiança na nossa capacidade. Temos mais dificuldades para obter empréstimos do que os outros, por exemplo. Um dos nossos principais objetivos é integrar os dalits à nova economia”, conta. Filho de um professor primário, Kamble é formado em Engenharia e hoje preside a Fortune Construction Company, uma empresa de US\$ 20 milhões e com centenas de funcionários. “Como a maioria dos estudantes dalits, eu também tive que ouvir ironias no dia em que chegava com roupa nova no colégio. Os colegas de casta alta perguntavam se eu tinha recebido o dinheiro da bolsa de estudo e me chamavam de genro do governo. Eu ficava muito magoado, mas não podia fazer nada. Meu pai era professor e não dependia da bolsa de estudo para comprar roupas para os seus filhos.”

É comum ouvir de um indiano urbano de classe média que casta é coisa do passado, que ninguém mais presta atenção a isso. Antigamente, os chamados “intocáveis” viviam segregados da vida social hindu: eram proibidos de entrar em templos, obrigados a viver nos arredores dos vilarejos, distante dos outros de “castas superiores”. Hoje, a situação mudou muito nas grandes metrópoles. Mas no interior do país – onde vive 70% da população – o preconceito ainda é muito forte. A praga das castas persegue os indianos há milhares de anos e resiste até hoje. A cultura cosmopolita falhou em

abolir o castelismo. Basta olhar os classificados matrimoniais dos jornais de domingo para perceber isso: os anúncios são divididos por castas e subcastas. O mesmo acontece com os sites matrimoniais. Notícias de agressões a dalits – muitas vezes reações negativas à ascensão social deles – são corriqueiras. Uma rápida espiada nos jornais é suficiente para verificar os ataques a que os dalits são submetidos: “Dalit tida como bruxa é obrigada a desfilhar nua em Bihar”; “Sete dalits queimados vivos em briga de casta”, “Cinco dalits linchados em Haryana”; e assim por diante.

Apesar de todos os problemas ainda enfrentados pelos dalits, muita coisa está mudando para eles na Nova Índia. O escritor e sociólogo Chandra Bhan Prasad é um dos intelectuais dalits mais conhecidos do país. Nascido na comunidade dos chamar, filho de pais analfabetos, Prasad frequentou a principal universidade da Índia, a Jawaharlal Nehru University (JNU), onde fez mestrado em Política Internacional. Ele é um bom exemplo dos que conseguiram ascender. Prasad rompeu o cerco e hoje é pesquisador visitante do Centro de Estudos Avançados da Índia, da Universidade da Pensilvânia (EUA), onde fez um estudo mostrando que a situação dos dalits melhorou após as reformas econômicas dos anos 1990. Ele constatou que os dalits se fortalecem economicamente, mudam de profissão e, com isso, começam a romper as amarras do sistema de castas. Autor do livro *Dalitphobia: Why do They Hate Us?*, publicado em 2006, Prasad me explicou que os dalits têm migrado para as cidades, onde se dedicam a várias profissões, como caminhoneiros, operários de fábricas, de construções, eletricitas, mecânicos. “Das cidades, eles mandam dinheiro para suas famílias no campo, e elas também começam a se libertar das amarras feudais dos senhores de terras”, disse ele, que ainda lembra a forma como era obrigado a chamar os adultos de castas altas quando era menino: de *babu-sahab* (mestre). Hoje, os dalits, principalmente nas cidades, já se sentem à vontade para usar o termo comum de tratamento *bhaiya* (irmão), quando se referem a qualquer pessoa da mesma faixa etária, mesmo de castas altas. Com isso, o estilo de vida também tem mudado. Começam a consumir produtos como xampus, pasta de dente, comida processada, entre outros. Ou seja, são consumidores dentro desse *boom* da economia indiana. Há alguns anos, conta Prasad, os dalits não podiam vestir calças que cobrissem seus tornozelos e eram proibidos de colocar sapatos. “Eram obrigados

Há uma casta de lavadores e passadores de roupas. São os dhobis. Na foto, vê-se a imensa lavanderia a céu aberto de Mumbai chamada de Dhobighat.



a se vestir de forma que parecessem feios e inferiores”, diz. Hoje, os dalits voltam das cidades para os vilarejos bem-vestidos, com sapatos e tênis. A violência que ainda acontece é resultado da reação à melhoria da situação econômica dos dalits, assegura Prasad. Ele compara isso com a reação dos brancos racistas americanos na década de 1960, durante o processo de ascensão dos negros. “As castas mais altas esperam que os dalits continuem com a mesma subserviência de antes e isso não acontece porque nas cidades os dalits se libertam do sentimento de submissão”, explicou.

Ainda há vestígios de discriminação casteísta também nas cidades: a ascensão dos dalits é mais visível nas repartições públicas e nas instituições de ensino, onde foram beneficiados com as cotas. Mas em alguns setores eles ainda são praticamente inexistentes. “Não há dalits nas redações de jornais, nas propagandas de televisão, nos filmes de Bollywood, e poucos são empregados nas grandes corporações”, diz Prasad. Um estudo do Centro para Estudos de Sociedades em Desenvolvimento, de Délhi, mostrou que não havia nem mesmo uma pessoa de casta baixa ou dalit entre 315 editores de jornais, revistas e canais de televisão na capital indiana: 90% deles são de castas altas, que não passam de 20% da população.¹

Outro estudo, divulgado em 2007 por Carol Upadhy a e A. R. Vasavi, do Instituto Nacional de Estudos Avançados de Bangalore, mostrou que a grande maioria da mão de obra da indústria de tecnologia da informação é composta por indianos de casta alta: dos 132 engenheiros de *softwares* entrevistados, 71% pertenciam às camadas privilegiadas, sendo que metade era formada por brâmanes. Há quem diga que esses profissionais já são uma espécie de subcasta, com os mesmos hábitos, rotinas, interesses e poder aquisitivo semelhante: nos classificados matrimoniais já há colunas dedicadas aos pretendentes da indústria de tecnologia da informação. Onde encontram oportunidades, os dalits aproveitam a chance e entram pelas portas que se abrem diante deles. Mas ao procurarem se livrar das funções a que foram tradicionalmente obrigados a cumprir, às vezes são alvos da ira dos que estavam acostumados a serem servidos.

Em 2009, por exemplo, a comunidade Ahirwar virou notícia nos jornais por ter se recusado a continuar a fazer o trabalho de coletar carcaças de animais e de arrancar suas peles para o uso comercial. Ramesh Ahirwar, um agricultor de 38 anos que vivia em Nander, vilarejo do estado de Madhya Pradesh, passou a ser ameaçado pelos vizinhos de casta altas, que chegaram a jogar carcaças de animais em frente de sua casa para lembrá-lo de sua “missão”. Ramesh bateu o pé, recusou-se a remover e limpar a carcaça, como sempre fizeram seus antepassados, e denunciou a perseguição à polícia. Sua história foi levada a várias ONGs de defesa dos dalits, que enviaram um time ao local para apurar o que estava acontecendo. Descobriram que vários dalits estavam

sendo boicotados, impedidos de trabalhar para um dos principais projetos sociais do governo contra a miséria. Há uma intensa discussão sobre se a discriminação por castas pode ser considerada oficialmente uma forma de racismo. O assunto foi travado em vários debates internacionais, como a Conferência Mundial do Racismo em Genebra, na Suíça, em 2009. O governo indiano conseguiu uma vitória ao impedir que uma resolução que equiparasse o casteísmo ao racismo fosse aprovada e a palavra *dalit* foi excluída do documento final, para decepção de entidades como a Human Rights Watch.

Ainda há muito caminho pela frente diante dos dalits: mais de um terço deles vive abaixo da linha da pobreza. As castas ainda são um divisor econômico na Índia. O economista Sukhadeo Thorat diz que, durante os vinte anos de crescimento econômico na Índia (décadas de 1990 e 2000), a pobreza em áreas urbanas declinou muito mais devagar entre os dalits e indígenas do que entre os demais. Em 2010, Thorat e a socióloga americana Katherine S. Newman, diretora do Instituto de Estudos Regionais e Internacionais da Universidade de Princeton, editaram um livro sobre discriminação econômica na Índia moderna: *Blocked By Caste: Economic Discrimination in Modern India*. Eles responderam por correspondência a anúncios de empregos em empresas privadas divulgados em jornais e descobriram que candidatos com sobrenome fictícios dalits ou muçulmanos tinham menos sucesso em serem chamados para entrevistas do que aqueles com sobrenomes de casta alta hindu.²

A Índia é uma das sociedades mais estratificadas do mundo. Nas faculdades de Ciências Humanas das universidades, casta é um dos tópicos obrigatórios do currículo: sem a sua compreensão, não é possível entender a sociedade indiana. O sobrenome de um indiano e seu estado de origem funciona como uma espécie de código casteísta: é através dessas informações que se identifica a sua casta. Mas perguntar a casta de alguém é uma enorme grosseria nas cidades, onde as pessoas tendem a ser politicamente corretas e tomam cuidado com esse assunto espinhoso.

Muitos indianos urbanos contam que cresceram sem a noção de casta, mas quando foram para o interior pela primeira vez sentiram a profundidade do problema. Já ouvi várias histórias de pessoas de casta alta que contam terem sido destratadas por habitantes também de castas altas do interior porque aceitaram um prato de comida ou uma xícara de chá na casa de uma família de casta baixa. Na Índia rural, é comum se perguntar, sem constrangimento, a casta da pessoa. Nos vilarejos do interior, as pessoas se conhecem e sabem a casta um do outro, daí a resistência em quebrar o preconceito nesses grotões. Nas grandes cidades, onde ninguém sabe quem é quem, essa identificação é impossível. Como saber, por exemplo, a casta do cozinheiro ou do garçom do restaurante que se frequenta?

PUREZA E POLUIÇÃO

Os princípios da “pureza” e da “poluição” são ensinados de geração a geração, explica o cientista político Kanch Ilaiah, um dos principais intelectuais dalits da Índia de hoje, autor do livro *Why I am not a Hindu*. Segundo ele, a distância entre os que fazem trabalhos manuais e os indivíduos de castas mais altas é demarcada desde cedo através da construção de uma imagem negativa de rejeição aos dalits. Tradicionalmente, há um desprezo pelo trabalho manual, como varrer o chão, pintar a casa, lavar louça e, sobretudo, limpar toaletes. O que fundamenta a chamada “intocabilidade” são justamente os conceitos de “pureza” e de “poluição”. Uma casta é classificada como “alta” se o seu modo de vida é julgado “puro” e “baixa” se a sua atividade for considerada “poluente”. Um brâmane seria o mais “puro”, por essa crença. Mas mesmo entre as várias castas e subcastas brâmanes, há gradações de “pureza”. Ocupações que coloquem a pessoa em contato com a morte ou com substâncias do corpo seriam as mais “poluentes”: os varredores, os lavadores, os barbeiros, os trabalhadores que mexem com carcaças de animais ou com couro, como os sapateiros. Assim, os “intocáveis” seriam os mais “poluídos”, e mesmo entre eles há gradações de “impureza”. A posição no *ranking* entre esses dois extremos costuma ser altamente disputada. Um dos mais



Em toda a Índia os sapateiros oferecem seus serviços nas calçadas. Eles são da comunidade dalit chamar, que trabalha tradicionalmente com couro de animais.

numerosos grupos dalits é o dos chamar: os que trabalham com couro de animal. Hoje é uma das comunidades mais ativas politicamente na Índia, com representantes no primeiro escalão do governo.

A hierarquia do sistema de castas é tão entranhada na cultura comportamental que provoca um efeito dominó: o preconceito casteísta não é colocado em prática apenas pelas pessoas de castas altas. Mesmo os que estão na base da pirâmide casteísta encontram outras “castas inferiores” para se impor como superiores. A disputa econômica, social e política entre os que estão abaixo das castas altas é ferrenha. Hoje em dia, por exemplo, boa parte da violência contra os dalits é cometida não pelas castas altas, mas pelas intermediárias – geralmente formadas por pequenos donos de terras.

Entre os próprios dalits há o fenômeno dos mais “intocáveis” entre os “intocáveis”. Os chamados doms, uma comunidade que trabalha cremando corpos na beira dos rios, como o Ganges, são alguns dos mais desprezados. Os catadores de lixo e limpadores de latrinas de casas de família se acham superiores aos que fazem o mesmo serviço em banheiros públicos. Eles removem fezes humanas de latrinas secas, sem sistema hidráulico, ainda muito comum no interior do país, apesar de esse tipo de sanitário ser proibido desde 1993. Diariamente eles vão de latrina em latrina nas pequenas cidades retirando os excrementos, colocados em uma cesta de palha, levada sobre suas cabeças.

O brâmane Bindeshwar Pathak ficou famoso na Índia ao dedicar sua vida para ajudar os limpadores de latrinas secas, que somariam hoje cerca de 500 mil pessoas no país todo. Um dos chamados gandhians – seguidores das ideias de Mahatma Gandhi –, Pathak fundou em 1970 a ONG Sulabh, hoje muito famosa: ela faz campanha pela substituição de toaletes secos pelos modernos, com descarga, e oferece treinamentos profissionais para que esses trabalhadores possam mudar de vida. Vários episódios na vida de Pathak o fizeram seguir esse caminho. Quando criança, ele tocou em um “intocável” e acabou forçado a engolir urina e fezes de vaca, além de água do rio Ganges, considerado sagrado, “para se purificar”, como era parte do costume. Uma cena que o marcou para sempre foi ver um garoto ser atacado por um touro. As pessoas correram para socorrê-lo, mas alguém gritou que o menino era um “intocável”, e elas desistiram de salvá-lo.

O LEQUE DE HUMILHAÇÕES

Na favela de Ghatkopar, em Mumbai, a médica Swati Vasant Ughade dá cursos de meditação budista para mulheres dalits. Como ela, todas se converteram do hinduísmo para o budismo, para fugir do preconceito das castas. Swati, uma chamar,

adotou o nome budista Amitamati, que significa “consciência infinita”. Ela reuniu um grupo de vinte mulheres para uma entrevista que eu fiz para o jornal *O Globo* em novembro de 2006. Elas contaram as tristes histórias da condição de “intocabilidade” que oprimiram seus familiares e antepassados. Mas todas disseram que vivem melhor do que seus pais. Kamal Wagchaure, 60 anos, foi a primeira a relatar sua trajetória: ela ajudava os pais, agricultores, em terras de famílias de “castas altas”, em Nashik, vilarejo no estado de Maharashtra. “A gente não podia falar com os outros de casta alta, nem comer junto com eles, ou beber água da fonte deles, para não contaminá-los. Eles jogavam a comida para a gente de longe. Não queriam chegar perto. Fico feliz de ver que hoje aqui na cidade a gente não é mais tratada assim e que os nossos filhos não vão sofrer como a gente ou nossas mães sofreram por ser intocáveis”, disse Kamal, cuja neta havia acabado de entrar para uma faculdade de computação. Mas ela lembrou que ainda sobraram outras formas de preconceito nas cidades. “A professora deu nota mais baixa para a minha neta, apesar de ela ter acertado tudo na prova. Mas a menina exigiu que a professora, de uma casta alta, mostrasse o erro. A professora voltou atrás”, contou orgulhosa.

Vestida com um sari (longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo das indianas) lilás e branco, combinando com as pulseiras coloridas nos dois braços, como é a tradição indiana, Manisha Shardul, 62 anos, lembra que no tempo dos seus pais, às vezes os “intocáveis” eram obrigados a colocar uma vassoura nas costas: “A vassoura era para varrer o local por onde passassem, de forma que apagassem suas marcas de pés na terra onde as pessoas de casta alta pisariam.” Essa era uma forma de opressão muito comum no interior antigamente. Outras normas impostas aos antigos “intocáveis” eram a de manter distância das pessoas de “casta alta” para evitar “contaminá-las” com suas sombras. Manisha foi faxineira, 30 anos atrás, numa casa onde ela era impedida de usar o mesmo copo e prato dos patrões, de casta alta. “A gente era vista como impura. Não podíamos tocar nas coisas das pessoas de casta alta porque senão elas diziam que ficariam impuras também”, lembra. Hoje, ela ainda é faxineira, mas não enfrenta preconceito na empresa de informática onde trabalha.

Com um filhinho de 1 ano no colo, a mais nova das mulheres ali presentes demonstrava certa irritação em meio aos relatos de humilhações do passado. Chegou a sua vez de falar. Gayatri, de 25 anos, protestou porque as mais velhas destacavam os aspectos negativos de seu país diante de uma estrangeira: “Não é mais assim, não sei por que estamos lembrando dessas histórias antigas. Os dalits hoje estão muito melhor do que antes.” Mas a professora Swati – chefe de uma seção de um hospital de Mumbai – lembrou que ela própria ainda é alvo de preconceitos. Ela sofre resistência de seus subordinados de casta alta. “Muita gente de casta alta não aceita ver os dalits

ascendendo. E se recusam a receber ordens da gente”, conta. No final de um encontro de quase quatro horas, as “ex-intocáveis”, cada uma com uma rosa vermelha na mão, se preparavam para me cumprimentar com o tradicional *namastê*, colocando as palmas juntas e inclinando o torso. Quando me viram abraçar e dar dois beijinhos na professora de meditação budista, elas formaram fila. Cada uma delas me deu um abraço.

Nas metrópoles não há mais espaço para aquelas opressões que chegam às raías do absurdo. Indianos de casta alta se engajam em movimentos que lutam contra o casteísmo: já vi muitos deles ironizando suas próprias castas por nutrirem esses preconceitos irracionais em pleno século XXI. Mas o leque de humilhações a que os dalits ainda são submetidos no interior é extenso. Até hoje, por exemplo, muitos deles costumam ter problemas para dividir as fontes de água pública com as castas altas. Em vários casos, os governos locais constroem tanques de água separados para eles: é a única forma de acabar com os conflitos. A entrada de dalits nos templos hindus é outro tabu resistente nos grotões. De vez em quando acontecem cerimônias de “purificação” dos templos



Mulheres dalits budistas da favela do bairro de Ghatkopar, em Mumbai.

após a entrada de um dalit. A “limpeza” de um famoso templo dedicado ao deus Shiva, após a visita de uma fiel dalit, virou caso de polícia em janeiro de 2008, no estado de Odisha. O episódio ganhou publicidade porque ela era integrante do primeiro escalão do governo daquele estado. Assim que a dalit deixou o local, os sacerdotes brâmanes fecharam as portas do templo, jogaram fora todas as oferendas dadas por ela, mudaram as vestes dos ídolos que ela tocou e lavaram o chão que ela pisou.

Em fevereiro de 2009, um grupo de dalits foi impedido de participar de um evento religioso no templo de Hanuman – o deus hindu representado pela imagem de um macaco, como veremos no próximo capítulo. Os sacerdotes do templo de Bhilwara, um vilarejo no Rajastão, impuseram uma condição para permitir a entrada dos dalits no templo: a de que eles bebessem urina e comessem fezes de vaca. Era uma espécie de ritual de “purificação” com os excrementos do animal sagrado.

Outra forma de discriminação na Índia rural acontece na mesa: muitos não comem e não bebem junto com dalits. Também não aceitam comida preparada por eles. Não raro estudantes de escolas governamentais se recusam a comer a merenda escolar preparada por cozinheiras dalits. Muitas crianças continuam sendo humilhadas nas salas de aula. São frequentes as denúncias de que elas são obrigadas a limpar os toaletes das escolas, de que são forçadas a sentar nas cadeiras do fundo das salas e de que os professores não corrigem os seus deveres de casa porque se recusam a tocar em seus cadernos. O jornal *Hindustan Times* publicou em 2009 a reportagem “Apartheid escondido da Índia”, baseada em uma pesquisa feita pela ONG Jansahas, com o apoio da Unicef. A notícia ganhou repercussão por ter sido publicada em meio às eleições gerais para o Parlamento: alunos dalits de várias escolas do estado de Madhya Pradesh eram obrigados a comer longe dos colegas de castas altas. As crianças dalits entravam em filas diferentes na hora de receber a merenda e no lugar dos pratos de alumínio dados aos demais alunos, elas recebiam folhas de bananeira, sobre as quais era colocada a comida. Uma consequência desse tipo de discriminação é a desistência dos dalits de mandarem seus filhos para as escolas ou a própria recusa das crianças em continuar frequentando um ambiente tão hostil.

O mesmo levantamento evidenciou também preconceitos contra mulheres nos centros de saúde governamentais: médicos de castas altas se recusavam ou cobravam propinas para tocar nas pacientes dalits. Em outubro de 2009, a ONG Avsarjan Trust, que trabalha pelos direitos dos dalits, organizou uma manifestação de crianças da comunidade dos balmikis. Essas crianças eram obrigadas a tirar das ruas corpos de pequenos animais mortos, como gatos e cachorros. O palco do protesto foi o *ashram* (retiro espiritual) Sabarmati, no estado do Gujarat, onde viveu Mahatma Gandhi, símbolo da luta contra a intocabilidade.

Há, ainda, “muros casteístas” que separam as comunidades. Um vilarejo do distrito de Madurai, no estado de Tamil Nadu, ganhou fama negativa em outubro de 2008 quando a Frente pela Erradicação da Intocabilidade, uma organização que reúne 150 entidades de defesa dos dalits, denunciou a existência de um muro casteísta, que acabou demolido. Essa entidade documentou várias manifestações de intocabilidade praticadas em 2 mil vilarejos daquele estado. O estudo mostrou 80 tipos de práticas de intocabilidade e de atrocidades cometidas contra dalits.³ A lista incluía a proibição de dalits de falar no celular na presença de pessoas de casta alta, proibição de usar sapatos, de ter cachorro macho (para não copular com cadelas dos bairros dos moradores de casta alta), de morar fora de seus guetos, de usar o mesmo crematório e de frequentar os templos usados pelos devotos de casta alta. Isso tudo apesar de, desde 1989, o país ter uma lei contra essas discriminações: o “Ato de Prevenção de Atrocidades”.

Um dos massacres de dalits que mais chocou o país aconteceu em 2006: uma família de quatro pessoas, mãe e três filhos, foi trucidada por seis indianos de casta alta em Khairlanji, vilarejo do estado de Maharashtra. Só sobrou o marido, que escapou do massacre porque se escondeu atrás de uma árvore: ele se tornou uma espécie de símbolo da opressão que ainda resiste ao tempo. O motivo do crime foi disputa de terras, mas a mídia indiana bateu na tecla de que a barbárie dificilmente aconteceria se a família dalit ocupasse uma posição mais alta na pirâmide casteísta. Em 2009, a Justiça finalmente decretou pena de morte para os seis assassinos e prisão perpétua para outros dois envolvidos.

No dia 21 de abril de 2010, um grupo de 300 homens e mulheres invadiu a comunidade dos balmikis no vilarejo Mirchpur, no estado de Haryana, Norte da Índia. Incendiaram e saquearam as casas mais prósperas. Os balmikis tradicionalmente limpam latrinas. No total, 20 casas balmikis foram incendiadas pelo grupo dos jats, uma comunidade agrária que se acredita superior aos dalits. Suman, uma menina paraplégica de 17 anos, e seu pai, Tara Chand, 70 anos, não conseguiram escapar a tempo. Foram carbonizados dentro de suas casas. Tudo começou quando a cadela Ruby, de uma família dalit, latiu para um jovem jat, que reagiu jogando uma pedra no animal. Os donos reclamaram e esse foi o pretexto para a violência. Antes de serem incendiadas, as casas dos balmikis mais prósperos – os que já tinham pequenos negócios – foram saqueadas, como a de Phoolkali Devi e seu marido Chander Singh: eles perderam as joias no valor de U\$ 500 e os US\$ 1.000 que tinham guardado para o casamento de sua filha.

Mas hoje há uma diferença com relação ao passado, quando ocorrem esses crimes bárbaros: os dalits não se escondem mais e não desistem até que a justiça seja feita.

O DEUS DALIT

Mahatma Gandhi lutou durante a vida toda contra o fenômeno da intocabilidade. Mas foi outra figura histórica que ganhou o coração dos dalits indianos: Bhim Rao Ambedkar (1891-1956), o maior líder da história, tratado como se fosse um verdadeiro deus dalit. Sua imagem – em pinturas, fotos ou estátuas, geralmente cobertas por flores e velas – é muito mais comum de ser vista por toda a Índia do que a de Mahatma Gandhi. Para um visitante estrangeiro que nunca ouviu falar de Ambedkar, é um mistério as muitas imagens desse homem de terno e gravata, com os cabelos penteados para traz e ajeitados com brilhantina e óculos de aro redondo.

Ambedkar era um mahar, uma importante comunidade dalit: eles podiam ser porteiros, auxiliares de polícia, removedores de carcaças de gado e soldados do Exército. Antigamente, por serem considerados “impuros” nos vilarejos do interior, os chefes de família mahars carregavam sempre um bastão com sinos pendurados nas pontas. Dessa forma, os outros poderiam se afastar deles quando ouviam o barulho.⁴ Ambedkar sentia a discriminação desde criança: ele nunca esqueceu episódios como a recusa de barbeiros de cortar o seu cabelo ou a sua expulsão de um carro de boi quando a pessoa que o dirigia descobriu que ele era “intocável”.

Com o apoio financeiro de marajás – os então nobres indianos –, Ambedkar foi o primeiro dalit a estudar no exterior. Nos Estados Unidos, ele completou o mestrado em Economia pela Universidade de Colúmbia, com uma tese sobre o comércio na Índia da Antiguidade. Ambedkar foi o primeiro “intocável” a conseguir um doutorado na história indiana, defendendo a tese *A evolução das finanças provinciais na Índia britânica*, na mesma universidade americana. Na Inglaterra, ele estudou na London School of Economics, onde defendeu outra tese: *O problema da rupia*. Quando ele voltou para a Índia, tentou se estabelecer como advogado em Bombaim – como era chamada a cidade de Mumbai naquela época –, mas foi difícil atrair clientes: mesmo tão estudado, ele continuava um “intocável”. Ambedkar passou, então, a liderar manifestações pela permissão de uso dos tanques públicos de água pelos dalits.

Brilhante acadêmico e um carismático ativista, foi um dos maiores personagens de toda a história indiana. Ministro da Justiça, Ambedkar foi alcunhado de “pai da Constituição”, que, em 1950, proibiu finalmente a intocabilidade e inaugurou a política de ação afirmativa no mundo, com a concessão de cotas para dalits e indígenas no serviço estatal e nas instituições de ensino. “Ambedkar foi o primeiro líder intocável de toda a Índia. Por sua capacidade, ele é quase um enigma: como ele conseguiu se arrastar para longe do atraso social, adquirir tal estatura e se transformar em um genuíno homem de Estado?”, observa o sociólogo francês Christophe Jaffrelot, especializado em Índia,



“Você não tem terra porque outros a usurparam. Você não tem cargos porque outros os monopolizaram. Você é submetido a humilhações, não porque tenha cometido pecados em vidas passadas, mas por causa da tirania superpoderosa dos que estão acima de você. Direitos perdidos nunca são reconquistados apelando para a consciência dos usurpadores, mas por uma luta sem fim.” O texto atribuído a Bhim Rao Ambedkar estampa cartaz feito por estudantes dalits no campus da Universidade Jawaharlal Nehru, a mais famosa da Índia, em Nova Délhi.

ressaltando a “mente extraordinária” e “a vontade de ferro” do líder dalit.⁵ Ambedkar é um símbolo tão poderoso até hoje que de vez em quando acontecem conflitos quando grupos de castas altas e intermediárias destroem ou colocam coroas de chinelos no pescoço de suas estátuas, para simbolizar a humilhação. Em 2006, a Índia viveu um momento de forte tensão, com a destruição de uma estátua de Ambedkar no estado de Maharashtra, onde ele nasceu, por grupos que queriam provocar os dalits: houve uma onda de protestos de rua, queima de trens e apedrejamento de carros e ônibus em Mumbai.

Curiosamente, Ambedkar não conseguiu manter uma relação de confiança com a esquerda indiana, que negligenciava a questão das castas porque considerava que elas

seriam automaticamente aniquiladas assim que o socialismo vencesse. Mas Ambedkar dizia que para construir uma sociedade justa na Índia era preciso primeiro destruir os fundamentos da injustiça, que eram as castas. Ele costumava reclamar dos preconceitos casteístas impregnados mesmo entre os sindicalistas indianos influenciados pela esquerda. Nos anos 1930, por exemplo, esses sindicatos controlavam as fábricas têxteis. Como o trabalho envolvia passar saliva nos fios, os trabalhadores de casta alta se recusavam a trabalhar com os dalits.

DECEPÇÃO COM GANDHI

Ambedkar e Mahatma Gandhi, dois grandes ícones da Índia, eram rivais. Na sua luta contra a intocabilidade, Gandhi costumava limpar toaletes para dar o exemplo – um insulto para uma pessoa de casta alta. O líder pacifista era um bânia, casta tradicionalmente dedicada ao comércio. Mas, apesar de condenar o preconceito e a violência casteísta, chegava a defender em certos aspectos o sistema, que, ao determinar a cada um uma função na divisão de trabalho, contribuiria para criar uma sociedade sem conflitos, como observa Christophe Jaffrelot. “Eu acredito que a casta salvou o hinduísmo da desintegração [...]. Mas como outras instituições sofreu de excrescências. Eu considero as quatro divisões em si fundamentais [...]. O sistema de casta não é baseado em desigualdade, não há a questão de inferioridade [...]. A lei da hereditariedade é eterna e qualquer tentativa de alterá-la pode levar a mais confusão [...]”, discursou Gandhi em 1920.⁶ Ambedkar dizia que a intocabilidade nunca seria abolida enquanto as castas existissem. “Como se pode acreditar que o senhor Gandhi é amigo dos intocáveis quando ele deseja manter a casta? Intocabilidade é apenas uma extensão de castas. Sem abolição das castas não há abolição da intocabilidade.”⁷

Gandhi é uma figura histórica controvertida para muitos indianos e malvista por muitos dalits até hoje. Em uma visita que fiz a um grupo de homens dalits budistas em uma favela de Mumbai, em 2006, eles me perguntaram qual era o indiano mais admirado no Brasil. “Gandhi”, eu respondi. Todos me olharam com profunda decepção. Eu tentei explicar que não havia nenhuma predisposição contra Ambedkar no Brasil. Os brasileiros simplesmente desconheciam a sua existência. Já Gandhi, expliquei a eles, havia se tornado extremamente famoso para o grande público depois do filme *Gandhi*, de Richard Attenborough, vencedor de vários Oscars na década de 1980. Ambedkar e Gandhi travaram debates ferinos sobre como promover os então “intocáveis”. Um exemplo foi a proposta de Ambedkar de criar um eleitorado separado para os dalits. Gandhi era contra porque temia a divisão da sociedade hindu e acabou

vencendo o cabo de guerra utilizando a tática que adotaria mais tarde na luta contra a independência: a greve de fome. Ambedkar cedeu para que Gandhi encerrasse seu jejum, mas a mágoa ficou guardada e até hoje lideranças dalits acusam o líder pacifista de ter boicotado a ascensão política dos então intocáveis.

Nos anos 1930, Gandhi lutou para acabar com a proibição da entrada de dalits nos templos hindus. Mas por pressão dos radicais, que rejeitavam a sua luta contra a intocabilidade, Gandhi chegou a fazer concessões consideradas inadmissíveis para os intocáveis, como a de que os templos fossem “purificados” por sacerdotes brâmanes. Os dalits também consideravam ofensivo o termo *harijans* (filhos de Deus) que Gandhi havia escolhido para se referir a eles e o acusavam de tentar promover com isso o sentimento de caridade e paternalismo. “Se os dalits eram filhos de Deus, as outras crianças eram filhos de quem, do diabo? Se Gandhi gostava tanto da palavra *harijan*, por que ele não se chamava assim?”, protestou Mayawati em uma entrevista em 1994, pouco antes de se tornar a primeira dalit a governar um estado, como será visto mais adiante.⁸

FUGA PARA OS BRAÇOS DE BUDA, DE JESUS E DE ALÁ

Ambedkar converteu-se ao budismo no dia 14 de outubro de 1956, um mês e meio antes de morrer. Ele demorou muitos anos para tomar essa decisão e antes disso havia flertado com outras hipóteses, como a de se converter ao cristianismo. No dia da cerimônia de sua conversão, meio milhão de dalits seguiram o seu caminho. Poucos

Pintura que retrata Ambedkar exibida em centro comunitário de uma favela do bairro de Andheri, em Mumbai. No alto, à esquerda, pequena ilustração de Buda.



políticos cresceram tanto em estatura após a morte como Ambedkar. Seus seguidores o chamam de Bodhisattva, uma encarnação de Buda. Até hoje, políticos dalits costumam promover conversões em massa ao budismo. “Infelizmente, para mim, eu nasci um hindu intocável. Estava acima do meu poder prevenir isso. Mas está dentro do meu poder a recusa de viver sob condições ignóbeis e humilhantes. Eu solenemente asseguro que não vou morrer um hindu. O objetivo de nosso movimento é conquistar a liberdade social, econômica e religiosa para os intocáveis. Essa liberdade não pode ser alcançada a não ser pela conversão”, discursou ele em 1936, duas décadas antes de se converter ao budismo.

A estratégia da conversão para outras religiões que não têm o sistema de casta foi e continua sendo usada pelos dalits para tentar fugir da opressão. Muitos migraram para o cristianismo, para o sikhismo e para o islamismo. Apesar de essas religiões defenderem o igualitarismo, em todas elas há fiéis de casta alta e de casta baixa na Índia, como será visto no capítulo “Caldeirão dos deuses”. Ambedkar levou muito tempo para se converter porque acreditava que o hinduísmo pudesse ser reformado. Mas no final da vida, poucos meses antes de morrer, deu o braço a torcer. “Gandhiji [“ji” é o sufixo de respeito em hindi], eu não tenho terra natal. Como eu posso chamar essa terra de minha e essa religião de minha quando nós somos tratados pior do que gatos e cachorros e não conseguimos água para beber?”, disse Ambedkar para Gandhi.⁹

O hinduísmo teve muitos movimentos reformistas e líderes progressistas – como o famoso guru Swami Vivekananda (1863-1902) – que eram contra o sistema de casta. Hoje, vários gurus hindus continuam promovendo campanhas contra o preconceito casteísta. Muitos hindus argumentam que o sistema de casta é um reflexo da tradição da sociedade indiana e não fruto do hinduísmo em si: a prova seria a existência do casteísmo em outras religiões na Índia, e também em países do sul da Ásia, como o Paquistão e Bangladesh – ambos com maiorias islâmicas.

Em 2007, testemunhei, ao lado de uma multidão de 100 mil pessoas, a conversão em massa de milhares de dalits ao budismo, em uma cerimônia a céu aberto, sob um sol escaldante em Mumbai, no auge do esturricante verão indiano. Puttu Lal era um dos milhares que naquele dia decidira “pedir refúgio” no budismo – como eles costumam dizer –, seguindo o exemplo de Ambedkar. Lal é de uma família de musahars, apelidados de “comedores de ratos”, uma das mais baixas e miseráveis categorias dos dalits. Os indianos de outras castas, mesmo baixas, nutrem um profundo desprezo por eles: têm cheiro de quem come rato, dizem. Depois de toda uma vida de opressão, Puttu Lal, então com 50 anos, diz que deveria ter feito isso antes. “Nós sofremos uma miséria sem fim e os que nos oprimiram prosperaram. Os milhões de deuses nunca se importaram com a gente”, contou. Depois da conversão, Puttu Lal passou a ser

chamado de Bhikshu Sadanand e não quer mais lembrar seu passado de humilhação, quando teve a sua pele riscada com uma faca por ter tentado entrar para a escola.

CASTAS BAIXAS NÃO ACEITAM CARMA RUIM

A crença tradicional é a de que os indianos de casta baixa acreditam que pagam nessa vida um “carma ruim” do passado, e que somente na próxima encarnação poderão nascer em melhor condição se praticarem boas ações. Mas as pessoas desprezadas não se enxergam como inferiores. Nenhuma casta admite que vale menos do que outra. Muitas vezes há rivalidade entre elas e algumas chegam a se detestar. Há inúmeras associações de castas espalhadas no país e no exterior e cada uma faz propaganda de seu grupo. Todas têm as suas próprias teorias enaltecidas de como surgiram. A mitologia propagandeada historicamente pelos brâmanes – aquela que eles teriam nascido da cabeça do deus Brahma – foi a predominante por causa da influência dessa elite. Muitas das supostas castas baixas recontam com orgulho os seus mitos de origem, bem diferentes da mitologia bramânica.

Alguns grupos dalits, por exemplo, sustentam o mito de que seriam originários do deus Shiva: eles geralmente explicam que sua posição hierárquica foi “rebaixada” por algum incidente, como terem sido enganados por um dos deuses hindus. Também há comunidades dalits que reivindicam terem pertencido originalmente à categoria dos xátrias, os poderosos governantes e guerreiros.

Dipankar Gupta – um dos mais renomados sociólogos da Índia atual – conta que, em seus levantamentos de campo pelo país, nunca encontrou um membro da chamada “casta baixa” que aceitasse a tradicional subordinação. Gupta me explicou em uma entrevista como o *status* de casta pode flutuar historicamente. Ele conta o caso de uma cozinheira que seu grupo de pesquisa contratou enquanto faziam entrevistas no interior do estado do Gujarat. Ela foi apresentada ao grupo como sendo da subcasta dubla, supostamente “baixa”. A cozinheira disse ao sociólogo que ela e sua comunidade tinham plena noção de que não eram “poluídos”, nem se consideravam de casta baixa. As pessoas de sua subcasta acreditavam serem descendentes de uma casta alta, a dos guerreiros rajputs, ligados ao grupo dos xátrias. Segundo ela, seus ancestrais cometeram um erro que fez com que eles despendessem na hierarquia castéista: eles teriam dado abrigo a um homem de casta baixa e com isso “se poluíram”. “O *status* das pessoas de casta baixa pode variar se elas tiverem poder econômico. Os ezhavas (que vivem em Kerala, no sul da Índia) eram intocáveis no século XIX, mas hoje ascenderam socialmente. Os jats (tradicionalmente voltados para a agricultura)

ascenderam na hierarquia casteísta e hoje são uma casta poderosa. Empregam até brâmanes pobres nas suas propriedades”, diz o sociólogo.

Os yadavs, casta agrária intermediária, espalharam a teoria fantasiosa de que seriam descendentes de Krishna, uma das encarnações de Vishnu, já que a lenda diz que o deus hindu era um vaqueiro e sempre aparece representado ao lado de uma vaca sagrada. Mulayam Yadav, ex-ministro-chefe de Uttar Pradesh, chegou a ser anunciado como um avatar de Krishna. As bedias, subcasta das prostitutas, clamam pertencer ao grupo dos orgulhosos rajputs: o raciocínio é de que já que a maioria de seus clientes são rajputs e a identidade de casta é transmitida sanguineamente pela linha paterna, seus filhos também são rajputs.

Segundo o economista Amartya Sen, movimentos contra o sistema de castas foram organizados várias vezes na história indiana, com variáveis graus de sucesso: “[Esses movimentos] fizeram bom uso de argumentos que questionam crenças ortodoxas. Muitos desses contra-argumentos são registrados nos épicos, indicando que nunca faltou oposição à hierarquia, mesmo nos dias iniciais do arranjo de castas.”¹⁰ Antes de Ambedkar, Jotirao Phule (1827-1890), um mali, subcasta dos jardineiros, foi considerado o fundador do movimento anticasteísta. Nos anos 1970, alguns dalits decidiram partir para retaliações contra a violência das castas altas. Inspirado no grupo “Panteras Negras” dos Estados Unidos, o “Panteras dalits” pregava um ativismo político radical na década de 1970, com a distribuição de propaganda provocativa, incentivando a reação quando fossem atacados. Seu lema era: “Não vamos ficar calados, vamos retaliar.” Na década de 1990, o estado de Tamil Nadu, no extremo sul do país, vivenciou intensos movimentos batizados de antibrâmanes. Tudo isso criou uma atmosfera favorável para a criação de uma intensa contracultura dalit, com poetas e escritores de sucesso. Outra forma de tentar fugir do estigma de casta baixa é copiar o comportamento dos brâmanes. Esse fenômeno ficou conhecido como “processo de sanscritização”, porque os brâmanes sempre monopolizaram o aprendizado da língua sânscrita, como será visto no capítulo “*Curry* cultural”. Kanch Ilaiah, cientista político dalit, explica, no entanto, que muitas vezes essa estratégia não surte efeito. “Muitos dalits tentam se sanscritizar e mudam seus nomes originais, de forma que pareçam brâmanes. Mas assim que se descobre que a pessoa não é de casta alta, ela volta a ser tratada como antes.”¹¹

Até hoje são comuns os casos de assédio de estudantes e professores de casta alta sobre os dalits. A mídia divulga histórias de perseguição que acabam em suicídios. De 2008 a 2011, 18 estudantes dalits se mataram em 16 instituições de ensino superior onde eles entram através de cotas, segundo Ratnesh Kumar, sociólogo dalit da Fundação Insight, que ajuda alunos beneficiados por cotas. “Apesar de as castas

intermediárias também serem beneficiadas, a campanha de ódio é direcionada principalmente na direção dos dalits. As cotas na verdade acabaram sendo usadas como um chicote contra nós”, protesta Kumar, em uma entrevista que me concedeu. “Eu não diria que as cotas falharam em acabar com a discriminação. Pelo menos tem alguma interação entre estudantes de castas diferentes. Eu, por exemplo, que sou um dalit, conheci minha mulher, de uma casta intermediária, na faculdade onde estudei. Sem as cotas eu nunca a encontraria”, diz. Os alunos dalits que moram nos alojamentos escondem suas identidades: guardam os retratos de Ambedkar dentro das malas e usam sobrenomes neutros que não denunciam casta. O inferno começa quando os colegas descobrem a sua casta. Perdem lugar na mesa de jantar e os amigos se tornam mais distantes. Às vezes acabam sendo pressionados para vagar o lugar no alojamento. Começam a ouvir piadinhas e recebem cotoveladas “acidentais”. “Se o aluno tira notas boas, o assédio piora”, garante Ratnesh Kumar. “Meus amigos que trabalham como gerentes de bancos e em empresas do setor privado escondem o sobrenome. Muitos fazem isso porque senão não são promovidos e perderiam clientes”, conta. “Quando eu apresentei meu projeto de doutorado sobre Ambedkar, o professor me criticou e perguntou por que todos os dalits querem pesquisar Ambedkar”, lembrou Kumar.

COTAS DE CASTAS AGITAM A ÍNDIA

Mesmo sendo uma praga milenar, as castas são um dos assuntos que mais pegam fogo na Índia do século XXI. A política de ação afirmativa pioneira do governo indiano (desde 1950), que busca corrigir as injustiças históricas, alimentou a fogueira das castas. Tudo começou com a promulgação da Constituição, três anos após a independência: 22,5% das vagas em cargos públicos e em instituições de ensino foram reservadas aos dalits e à população indígena. Estes últimos eram os habitantes originais da Índia, que tradicionalmente vivem nas florestas e áreas remotas do país, e não estão incluídos na pirâmide casteísta, assunto do capítulo “Índia rica e indianos pobres”. Muitos aplaudem essa primeira fase de criação de cotas, por ter sido a única forma de possibilitar a ascensão mínima a esses grupos. Quarenta e sete anos depois da implantação das cotas, a Índia teve o seu primeiro presidente dalit: Kocherie Raman Narayanan (1997-2002).

Mas ao longo do tempo, as castas intermediárias – geralmente agricultores, pequenos e médios proprietários rurais com forte poder de pressão política – passaram a exigir serem favorecidas com as cotas: elas representam uma imensa fatia da população e alegavam que também eram vítimas de discriminação. A pressão desse eleitorado precioso surtiu efeito e as cotas foram estendidas em 1990, com a reserva de 27%

das vagas do emprego público para essas comunidades, batizadas oficialmente pelo governo de “Outras Castas Desfavorecidas”. A decisão desencadeou uma onda de protestos violentos, com alguns até se imolando em público. Em 2006, essas castas intermediárias conquistaram também outra grande vitória: o direito de 27% de cotas sobre as vagas no ensino superior. Uma nova onda de protestos violentos de estudantes de castas altas varreu as ruas do país. Os críticos dessa segunda fase da política de ação afirmativa alegam que os novos beneficiários não são tão oprimidos quanto os dalits e os indígenas. Seriam, sim, a “nata” da Índia rural. O número de indianos incluídos nessas categorias intermediárias varia entre 41% a 52% da população: ou seja, podem ser mais de 600 milhões de pessoas. Já os dalits são quase 200 milhões de pessoas (16% da população), enquanto os indígenas representam 8%, cerca de 100 milhões, de acordo com o censo de 2001. Todas as castas altas somam no máximo 240 milhões de pessoas.

Até agora ninguém sabe ao certo quantas subcastas existem no total, mas são milhares: podem chegar até 10 mil. A última vez que as castas foram enumeradas em um censo foi em 1931, ainda durante a colonização britânica. A ideia de contabilizar as castas voltou a ser debatida. Os críticos dizem que o ato de etiquetar cada indiano com o nome de uma casta ajuda a perpetuar o sistema. Ainda assim, essa enquete está sendo feita. Os analistas preveem um fenômeno oposto ao que aconteceu em 1931, quando muitas pessoas tentavam se colocar em castas mais altas. Dessa vez, muitos deverão agir de forma pragmática, ignorando o *status* social, e deverão identificar-se como pertencentes às castas mais baixas, pois assim poderão ser beneficiados com as cotas. O fenômeno do “rebaixamento” do *status* de castas já existe. Várias subcastas “altas” reivindicam ser “rebaixadas” para intermediárias ou baixas, e algumas delas já organizaram protestos de rua.

IRMÃ DOS BRÂMANES, RAINHA DOS DALITS

Foi a partir de meados dos anos 1980 que uma pequena, mas crescente, camada de dalits educados passou a competir por espaço na política. Há cinquenta anos, Ambedkar havia criado dois partidos, mas houve muitos rachs entre os dalits: a união foi impossível. Em 1984, o líder dalit Kanshi Ram fundou o Bahujan Samaj (Partido da Maioria da Sociedade), que acabou se tornando a terceira principal legenda do cenário político indiano. Kanshi Ram foi um químico que estudou através do sistema de cotas e conseguiu um emprego da mesma forma no laboratório do Ministério da Defesa. Hoje o rosto todo-poderoso dos dalits é o de uma mulher: Mayawati, o

fenômeno político mais intrigante da Índia moderna. Como muitos dalits, Mayawati não tem sobrenome. Ela é conhecida por dois apelidos: Behenji (“honrada irmã”) e “Rainha dos dalits”. Aos 39 anos, em 1995, Mayawati – da comunidade dos chamar – se tornou a primeira dalit a dirigir um estado na Índia. Até março de 2012, fim de seu quarto mandato como ministra-chefe do estado de Uttar Pradesh, ela governou 190 milhões de indianos, um Brasil inteiro. O próprio apelido Behenji representa a relação familiar – tão importante na Índia – de Mayawati com seus eleitores: ela jurou permanecer solteira para dedicar sua vida aos dalits. Mayawati cortou seus cabelos, uma atitude rara no país, onde as mulheres mantêm as madeixas compridas até o fim da vida, um símbolo da feminilidade.

Nos anos 1970, Kanshi Ram, mentor de Mayawati, costumava dizer que se um dalit cruzasse com um brâmane e uma cobra na rua, ele devia se desviar do brâmane. No início de sua carreira, Mayawati incentivava seus apoiadores a dar chineladas nos brâmanes, tal era a animosidade entre os dois extremos da pirâmide casteísta. Mas em 2007, Mayawati surpreendeu o país com sua vitória retumbante nas eleições do estado. O segredo do sucesso foi o que ficou conhecido como “Engenharia Social” de Mayawati: a aliança dalit-brâmane, um experimento político inusitado na história. Ironicamente, ela se transformou na defensora dos brâmanes enquanto continuava sendo a “Rainha dos dalits”. Pela primeira vez, os “ex-intocáveis” passaram a ser bajulados por brâmanes. Mayawati chegou até mesmo a defender a criação de cotas para brâmanes pobres em empregos públicos. “Eu prefiro ser conhecida como líder de todas as comunidades porque em cada uma delas há gente pobre e desempregada”, disse Mayawati em uma de suas raras entrevistas, em julho de 2008.¹²

A Índia vivia o auge do fenômeno de coalizões de castas em eleições. Ambedkar esperava que a democracia aniquilasse o sistema de castas. Mas o que aconteceu foi o contrário: a política casteísta é cada vez mais forte. A última coisa que os partidos querem é aboli-las: há uma corrida desenfreada entre as castas para assegurar benefícios e cotas dos governantes. Os indianos costumam dizer, com efeito de linguagem pelo jogo de palavras em inglês: “*In India you do not cast your vote, you vote your caste*” (“Na Índia você não vota o seu voto, vota a sua casta”).

Mayawati lutou durante muito tempo com um imenso problema de imagem pública: ganhou fama de governante imperial, autoritária, vingativa, e de que se deliciava em humilhar seus servidores de castas altas. Cenas de funcionários brâmanes tocando nos pés da “Rainha dos dalits” – o tradicional cumprimento de respeito dos indianos – foram transmitidas por canais de notícias como um escândalo. Mas o mesmo acontece com Jayalalitha, a ministra-chefe de Tamil Nadu que tem templos construídos em sua homenagem, e a mídia nunca achou ofensivo: ela é brâmane.

Aterrorizada com a possibilidade de ser assassinada em um país que teve tantos líderes mortos em atentados, como será visto no capítulo “E nasce uma nova Índia”, Mayawati só andava cercada de dezenas de seguranças fortemente armados, ou de helicóptero, aumentando a percepção de arrogância. Mas ela de fato foi alvo de muitas ameaças e manifestações de ódio enquanto governou. Em uma reação extremada, disse certa vez uma política rival de casta alta que Mayawati “merecia ser estuprada” – como são de fato muitas mulheres dalits violentadas por homens de casta alta. Depois, a política se desculpou, mas foi presa e teve sua casa incendiada pelos apoiadores de Mayawati.

Somente depois da vitória de Mayawati, em 2007, os jornalistas passaram a levá-la a sério. Muitos temiam que ela conseguisse alcançar o sonho de se tornar primeira-ministra da Índia. “Nada pode me impedir de me tornar a primeira-ministra”, disse à revista *India Today*.¹³ O estado de Uttar Pradesh já fez 8 dos 13 primeiros-ministros do país, reforçando o adágio de que quem governa aquele estado, governa a Índia. É o estado politicamente mais importante do país: das 543 cadeiras da Câmara Baixa do Parlamento, Uttar Pradesh tem 80 representantes. Mayawati já chegou a ser comparada com Obama em 2008, em meio à novidade da vitória de um negro nos EUA. Logo após a eleição dele, uma faixa apareceu em Lucknow, capital de Uttar Pradesh: “Se Obama é presidente dos EUA, Mayawati pode ser primeira-ministra da Índia.”

Os dois partidos tradicionalmente de casta alta – o secular Congresso e o nacionalista hindu BJP – procuram promover líderes de castas baixas e dalits entre as suas lideranças. De uma família brãmãne da Caxemira, considerado um dos mais nobres na escala casteísta, Rahul Gandhi – batizado de “príncipe herdeiro” da dinastia Nehru-Gandhi, como será visto no capítulo “E nasce uma nova Índia” –, tentou conquistar os dalits de Uttar Pradesh jantando e dormindo em suas casas. Mas não teve sucesso na eleição de março de 2012, que também destronou Mayawati. Os dois levaram uma rasteira do partido que representa as castas agrárias e intermediárias: o Partido Samajwadi (Partido Socialista – que de socialista só tem o nome), dirigido pelo ex-ministro-chefe do estado Mulayam Yadav, inimigo visceral da “Rainha dos dalits”.

A principal crítica que se faz a Mayawati é a sua obsessão por estátuas e por homenagear líderes dalits à custa do erário público. Ela inaugurou imensos parques monumentais com motivos budistas e inúmeras estátuas de líderes dalits, incluindo ela própria, além de fileiras de elefantes de pedra rosa, o animal-símbolo de seu partido. “Eu não vou permitir que os dalits abaixem a sua cabeça para ninguém”, prometeu. A mídia a acusa de ter esbanjado dinheiro público: ela teria desembolsado um total de US\$ 600 milhões em milhares de monumentos.¹⁴ Mayawati se defende das críticas dizendo que somente heróis e líderes de casta alta foram homenageados na história da Índia.

Nascida em 1956, com oito irmãos, filha de um funcionário de baixo escalão do Departamento de Correios e Telégrafos, e de uma mãe analfabeta, Mayawati conseguiu estudar Direito na Universidade de Délhi e se diplomou em Pedagogia, o que a possibilitou dar aulas em escolas públicas. “Nem mesmo para uma criança pequena há escapatória para a praga de ser um dalit. Meus pais frequentemente me levavam de ônibus para a casa dos meus avós. No caminho, eles começavam a conversar com outros passageiros. Mas assim que eles descobriam que éramos chamar, paravam de falar com a gente. No início, isso apenas me confundia. Mas depois, minha mãe me explicou que havia divisão de castas e que nós éramos considerados impuros e poluídos. Desde muito pequena eu aprendi a odiar o sistema de castas com toda a minha força”, contou Mayawati em sua autobiografia *My Life of Struggle and the Path of the Bahujan Movement*. Mayawati carregou dois fardos: além de ser dalit, o de ser mulher em uma sociedade patriarcal. Seu pai, que quase abandonou a mulher por ter dado à luz três meninas em sequência, sugeriu que Mayawati acumulasse seu salário de professora primária para o seu dote de casamento. Mas Mayawati guardou o dinheiro para bancar a sua autonomia financeira quando decidiu abandonar a casa do pai, com quem ela nutria uma relação de muita mágoa por ter menosprezado as filhas.

Os correligionários acusam a mídia de ser preconceituosa, por expor com estardalhaço mais os excessos da líder dalit do que os dos políticos de casta alta que também usurpam o dinheiro público sem parcimônia. Mas foram os excessos de Mayawati que ficaram marcados na imaginação popular, e isso contribuiu para sua derrota em março de 2012.

Em abril de 2012, ela apresentou sua declaração de renda à Justiça: US\$ 18,5 milhões. O dobro do que tinha em 2007. Uma das políticas mais ricas do país, ela argumenta que seu dinheiro e joias são fruto de contribuições feitas por seus apoiadores dalits, que a encaram como um símbolo do sonho de ascensão social e que, portanto, não querem vê-la vestindo frugais saris de algodão branco, mas suntuosos conjuntos de túnicas e calças de seda e brincos de diamante. Em torno de Mayawati há um leque de histórias e mitos que ressaltam o seu estilo imperial. Difícil saber o que é verdade. Suas festas de aniversários passaram a ser cobertas pela mídia para evidenciar sua ostentação de riqueza. Ela aparece sempre enfeitada com joias e é presenteada com imensas coroas de notas de mil rupias. Por causa da avalanche de críticas, Mayawati ergueu uma cortina de ferro ao seu redor, quase intransponível. Ela praticamente se tornou inacessível para a mídia. Isso fez com que Mayawati azeitasse uma gigantesca máquina de propaganda. Lucknow se transformou em um exemplo vivo da marca da Behenji, durante o seu governo, com *outdoors* e cartazes, e o azul predominando nas ruas, nas cores da iluminação pública e nos uniformes de policiais de trânsito: essa é a cor do partido dos dalits.

NOTAS

- ¹ Jean Drèze e Amartya Sen, “Putting Growth on Its Place”, em *Outlook*, New Delhi, p. 56, 14 nov. 2011.
- ² Rukmini Shrinivasan, “Backward Forward?”, em *Crest*, New Delhi, 26 fev. 2011.
- ³ Pallavi Polanki, “Untouchability Declassified”, em *Open Magazine*, New Delhi, pp. 30-3, 12 a 18 jun. 2010.
- ⁴ Christophe Jaffrelot, *Dr. Ambedkar and Untouchability*, New Delhi, Permanent Black, p. 21, 2005.
- ⁵ Idem, p. 8.
- ⁶ Idem, p. 61.
- ⁷ B. R. Ambedkar, *Gandhi & Gandhism*, New Delhi, Critical Quest, 2008, p. 22.
- ⁸ Ajoy Bose, *Behenji: a Political Biography of Mayawati*, New Delhi, Penguin Books India, 2008, p. 82.
- ⁹ Wendy Doniger, *The Hindus: an Alternative History*, New Delhi, Penguin Books India, 2008, p. 634.
- ¹⁰ Amartya Sen, *The Argumentative Indian*, London, Penguin Group, 2005, p. 10.
- ¹¹ Kanch Ilaiah, *Why I Am Not a Hindu*, Calcutta, Samya, 1996, p. 68 e 89.
- ¹² Somini Sengupta, “A Daughter of India’s Underclass Rises on Votes that Cross Caste Lines”, em *The New York Times*, New York, 18 jul. 2008.
- ¹³ “Mayawati: No One Can Stop Me from Becoming PM”, em *India Today*, New Delhi, pp. 22-32, 18 ago. 2008.
- ¹⁴ Pravin Kumar e Ashish Tripathi, “Da Behenji Code”, em *Crest*, New Delhi, 5 mar. 2011.